

RESENHA

MÚLTIPLOS OLHARES ACERCA DA INFÂNCIA NA CONTEMPORANEIDADE: HÁ NECESSIDADE DE UMA NOVA COMPREENSÃO DESSE CONCEITO?

Mariana Aparecida Christiano;¹
Divaneide Lira Lima Paixão.¹

MÜLLER, Fernanda (Org.). Infância em Perspectiva: **políticas, pesquisas e instituições.** São Paulo: Cortez, 2010.

A organizadora desta obra, Fernanda Müller, cursou graduação em Pedagogia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos em 1998 e especialização em Educação Infantil pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2000. Tornou-se Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos em 2002 e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2007, com estágio de doutorado sanduíche no Centre for Family Research, Universidade de Cambridge/UK. Além disso, vem desenvolvendo projetos com pesquisadores brasileiros e estrangeiros e tem experiência na área de educação e sociologia. Trabalha com temas nas áreas de educação infantil, socialização, família, sociologia da infância e metodologia de pesquisa com crianças. Foi professora do curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Paulo e desde outubro de 2010 atua como professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

No livro “Infância em perspectiva”, Müller reúne dez artigos científicos, elaborados por pesquisadores do Brasil e do Reino Unido, numa abordagem interdisciplinar a respeito das questões relativas à infância. Na primeira parte do livro são discutidos os conceitos de infância e criança nas políticas e pesquisas. Do ponto de vista da sociologia, da antropologia, da educação, da filosofia e da enfermagem os autores propõem uma discussão acerca da necessidade de escuta às crianças e aos seus anseios e, principalmente, de dar-lhes voz inclusive em pesquisas científicas, que devem levar em consideração a perspectiva das próprias crianças e não dos adultos que as cercam. Na segunda parte do livro, os artigos lançam olhar sobre a infância e criança nas instituições, assim, discutem as relações parentais, a relação da criança com a cidade em que ela vive. Além disso, pensam sobre o papel que a creche e as instituições de Educação Infantil exercem na vida e no desenvolvimento das crianças.

Nos capítulos I e II, os autores, Prout e Lee, discutem a necessidade de abandonar as antigas formas de enxergar a criança, seja como seres vulneráveis ou ameaçadores, seja como seres incompletos ou inacabados. Ao contrário, indicam que é preciso compreender a infância como uma categoria social fixa e dar-lhes espaço para um protagonismo legítimo. Os autores ancoram-se na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças (1989) para afirmar a importância de dar voz às crianças e às suas reivindicações, de possibilitar a escuta de seus pontos de vista e permitir que seus desejos e sua compreensão da infância sejam expostos por elas próprias e não por adultos que agem como porta-vozes, nem sempre fidedignos ou bem intencionados.

Carvalho e Müller deixam claro, no capítulo III, que uma das maneiras de se oportunizar a liberdade de expressão das crianças é por meio do enfoque dado nas pesquisas realizadas com elas. Observa-se aqui que essas pesquisas devem ser não somente *sobre* crianças, mas também e, sobretudo, *com* crianças que para os autores são absolutamente capazes de participar ativamente dos trabalhos e estudos referentes à elas e às suas infâncias. Para tanto, pesquisadores da infância devem superar a visão dicotômica entre crianças e adultos como sendo incapazes e capazes, respectivamente. Ao contrário, deve-se promover o respeito ao direito da criança de querer participar ou não da pesquisa, a consideração de suas vivências e o acatamento ao seu direito de falar, como também de calar.

Os estudiosos da infância, nas diversas áreas do conhecimento, têm grande responsabilidade quanto àquilo que é a infância atualmente, bem como na forma como ela é encarada. Essa é uma das ideias disseminadas por Marchi, no capítulo IV. Essa autora afirma ainda que entre os pesquisadores brasileiros é possível observar a influência da nova sociologia da infância no que diz respeito ao abandono da ênfase na ideia de socialização e da percepção do papel da criança na sociedade. De fato, a ideia de socialização limita a infância a um momento de preparação para uma vida adulta em sociedade, quando se sabe da largueza e da profundidade que é verdadeiramente a infância, pois para a criança importa muito mais o hoje, as diversas possibilidades que o momento presente lhe oferece e as experiências que ela realizará nesse momento irão refletir naturalmente no adulto que ela será. Marchi indica também que mudanças estruturais na sociedade e mais especificamente nas famílias alteraram o papel da criança na sociedade moderna e despertaram o interesse dos sociólogos por essa etapa da vida.

Assim como Machi, Kosminsky chama atenção, no capítulo V, para uma nova sociologia da infância que ganhou força a partir dos anos de 1990 inicialmente em países como os Estados Unidos. No Brasil, essa corrente sociológica teve início mais tardio e de forma pontual em função das dificuldades políticas e econômicas inerentes a um país periférico, segundo Kosminsky. Para ela, há grandes limitações ao se construir um referencial teórico nas pesquisas cujo objetivo é observar o ponto de vista da criança sobre determinado aspecto da vida. Também há limitações naquelas que dizem levar em consideração o protagonismo infantil, pois, ao contrário, o enfoque quase sempre é dado à família ou à escola. Ela percebe que há uma ausência da reflexão acerca de uma metodologia que contemple a criança, seu universo e as questões que daí emerge.

Apontada como um dos métodos mais eficazes em pesquisas que buscam perceber o universo infantil, a etnografia foi adotada por pesquisadores como Christensen, em pesquisa relativa à relação estabelecida pelas crianças com a cidade em que moram e como elas constroem suas culturas de pares nesses lugares. Esse artigo, que compõe o capítulo VI, inaugura a segunda parte do livro e leva os leitores a pensar que todas as pesquisas estabelecem uma compreensão do lugar por meio do contato físico, além de atribuírem significado pessoal e social àquela localidade. Além disso, constroem coletivamente o sentido às experiências que ali vivenciam com seus pares, bem como na troca intergeracional com pais, professores e demais adultos do lugar.

Para Mayall e Punch, que propõem as discussões realizadas nos capítulos VII e VIII, as relações intergeracionais e o papel exercido pela criança em seu núcleo familiar interferem diretamente na forma como essas irão vivenciar suas infâncias. Mayall aponta como as transformações da ordem do aumento do número de divórcios e de famílias com menos filhos podem ocasionar frustrações e traumas, além de dificultar a relação entre pares, fundamental para a construção da cultura e para a compreensão do mundo pelas crianças. Nesse sentido, faz-se necessário ouvir as próprias crianças quanto às suas percepções dessas mudanças sociais que as afetam, como fez Punch em trabalho referente à ordem de nascimento de irmãos em famílias com três filhos e sobre a maneira como se estabelecem as relações de hierarquia, além da forma como as crianças encaram sua posição na família, as vantagens e desvantagens. Punch notou, por exemplo, que ao contrário do que os adultos pensam, ser o irmão do meio não é encarado de forma negativa ou como uma posição ruim por aqueles que a ocupam. Tal constatação só foi possível porque a pesquisadora ouviu as próprias crianças a partir de

seus pontos de vista e o que isso representava para elas no presente, e não apenas para o adulto que se tornarão.

Por fim, a posição ocupada pelas instituições de cuidado e educação, ou seja, a creche e a escola são analisadas aqui por Sarti e Maranhão, no Capítulo IX e Redin, no capítulo X. Com a inserção da mulher no mercado de trabalho e das famílias chefiadas por mães as crianças são inseridas cada vez mais cedo em instituições que passam a exercer muitas vezes o papel do pai, como afirma Sarti e Maranhão. Para elas, a creche, por ser responsável pela socialização primária das crianças, exerce funções que se assemelham àquelas atribuídas às famílias, o que ocasiona um limite bastante tênue em suas atribuições e por consequência, uma confusão natural e uma inversão de valores por parte das crianças, dos pais e até mesmo dos profissionais da instituição que acabam se envolvendo emocionalmente com os problemas e dramas que presenciam.

Redin, por sua vez, propõe uma reflexão acerca da ética e da estética no mundo atual e aponta para a necessidade dessas dimensões estarem atreladas à educação, sobretudo a educação infantil, permeando a práxis. Para ela, a infância é prescrita quase sempre por adultos e por isso cada vez mais perde sua dimensão estética. Tal argumento reforça a tese inicialmente levantada nos capítulos iniciais da obra de que é preciso olhar a infância e a criança com outros olhos. É preciso abandonar a dicotomia entre adulto e criança e buscar meios de fazer com que a criança tenha espaço de fala e comunicação e seja ouvida na inteireza de suas necessidades.

Para concluir, observa-se que este trabalho interessa a todos a pais, professores e todos os profissionais que trabalham com o universo infantil e com crianças, entre eles: profissionais da área de educação, psicologia, saúde e sociologia. Os artigos que compõem a obra provocam discussões que, de fato, não devem ser esquecidas. Refletir acerca do papel da criança, da forma como esta é enxergada, das novas configurações e interações sociais que envolvem esses seres pode ser o caminho na busca por mudanças na forma em que atualmente ela é/estar no mundo, além de ser um meio para a superação dos estereótipos e da quebra de paradigmas. Acredita-se, pois, na necessidade da restauração da ludicidade no ambiente familiar, bem como da educação infantil, na importância de possibilitar espaço para a criatividade infantil. Atesta-se aqui a necessidade de dar às crianças a infância que elas querem e precisam, isto é, um espaço-tempo livre de violência, discriminação, de predeterminações e, principalmente, dos padrões normalmente impostos pelos adultos.